

A ESCRITA DA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA: UMA NOTA METODOLÓGICA¹

Pierre Swiggers²

Tradução do inglês feita por:

Fábio Albert Mesquita³

Mariana Maris⁴

Francisco Eduardo Vieira⁵

Os anos 1970 testemunharam um notável interesse pela história da linguística. Dentre as contribuições mais importantes, cumpre mencionar Hymes (1974)⁶, Sebeok (1975)⁷, Parret (1976)⁸ e Koerner (1978). Em três resenhas, discuti os princípios metodológicos subjacentes a esses três últimos trabalhos (cf. SWIGGERS, 1980a, 1980b, 1980c); nessas resenhas, formulei uma série de observações críticas e comentários epistemológicos.

O objetivo da presente nota é levantar e discutir uma questão fundamental e propor algumas reflexões a esse respeito. A questão é a seguinte: escrever a história da linguística pode ser mais do que acumular “fatos na história das ciências da linguagem”? Ou, em outras palavras, é possível o historiógrafo da linguística ir além da escrita de uma mera crônica (para a distinção entre “história” e “crônica”, cf. COLLINGWOOD, 1946, p. 202-203)?

Penso que a resposta para essa questão deve ser positiva: assim como um linguista descritivo tenta propor um tratamento estrutural organizado (uma das *possíveis reestruturações*) de uma dada língua, o historiógrafo da linguística deve tentar fornecer um quadro perspicaz da história da linguística. Tal historiografia, é claro, requer um *modelo* a partir do qual a história de uma disciplina possa ser organizada. O modelo tem valor aplicativo-instrumental e cumpre uma função cognitiva: nos ajuda a distinguir algumas diretrizes na história da linguística, além

1 Tradução portuguesa de: SWIGGERS, P. The History Writing of Linguistics: A Methodological Note. *General Linguistics*, n. 21, 1981, p. 11-16. A versão original em inglês foi revisada, corrigida e (bibliograficamente) atualizada pelo autor. A esta tradução, o autor acrescentou um *postscriptum* e autorizou sua publicação.

2 Flemish Fund for Scientific Research.

3 Universidade Federal da Paraíba.

4 Universidade Federal da Paraíba.

5 Universidade Federal da Paraíba.

6 O volume é uma coleção de trabalhos apresentados em simpósios sediados na Áustria (1964) e em Chicago (1968). Resenhas: R. H. Robins em *Historiographia Linguistica*, v. 2, n. 2, 1975, p. 244-249; e P. Salmon e V. Salmon em *Language*, v. 52, n. 2, 1976, p. 499-502.

7 Trata-se do volume 13 (em dois tomos) da série “Current Trends in Linguistics”. Resenhas: P. Flobert no *Bulletin de la Société de linguistique de Paris*, n. 72, 1977, p. 75-77; N. Collinge em *Language*, v. 55, n. 1, 1979, p. 207-211; P. Matthews no *Journal of Linguistics*, v. 14, n. 1, 1978, p. 118-122.

8 Resenha extensa desta coleção de trinta e cinco artigos: Arens (1977) em *Historiographia Linguistica*, v. 4, n. 3, 1977, p. 319-382.

de ser um meio para compreender a evolução da pesquisa linguística e para divulgar esses conhecimentos.

Na década de 1970, vários historiógrafos da linguística apelaram para os conceitos kuhnianos de “paradigma” e “revolução”⁹ (cf. KUHN, 1962)¹⁰, aplicando-os à história da linguística. A adequação do modelo de Kuhn vem sendo devidamente questionada¹¹ (cf. HYMES, 1974; PERCIVAL, 1976; SWIGGERS, 1980c): de fato, não há critérios *precisos* que nos permitam distinguir tendências ou escolas que seriam “paradigmáticas”, enquanto outras seriam “não-paradigmáticas”. Além disso, a noção kuhniana de “comunidade paradigmática” – um componente essencial à existência de um paradigma – dificilmente pode ser aplicada à evolução das ciências da linguagem no período greco-romano e na Idade Média. A dificuldade, senão a impossibilidade de aplicar o modelo de Kuhn à história da linguística, no entanto, não é razão suficiente para negar a possibilidade de reorganização dessa história. Pelo contrário, esta situação nos obriga precisamente a refletir sobre as condições metodológicas e epistemológicas para uma historiografia madura da linguística.

Vou procurar, aqui, discorrer sobre os princípios metodológicos que fundamentam tal tarefa para a historiografia da linguística. Aprofundar a reflexão e a discussão sobre os princípios da historiografia da linguística contribuirá também, na minha opinião, para uma melhor compreensão acerca do desenvolvimento da ciência linguística. Descreverei brevemente o que considero as quatro linhas de investigação fundamentais – ou *programas* – que podem ser identificadas ao longo da história secular do pensamento linguístico. Espero que esta proposta forneça material suficiente para continuarmos refletindo sobre esses assuntos.

Em vez de descrever a história da linguística apenas em termos de *escolas*, ou em termos de *teorias* propostas por autores individuais ou por grupos (mais ou menos) homogêneos de cientistas, acho que pode resultar mais interessante e frutífero descrever a história do pensamento linguístico em termos de *programas*. Um programa pode ser definido, de maneira geral, como uma estrutura cognitiva complexa (caracterizada por organização hierárquica, coerência e operacionalidade progressiva) que possibilita algumas operações e resultados, ao passo que exclui outras possibilidades¹². Um *programa* pode subsumir *várias teorias* que, a despeito das diferenças na “técnica analítica” e na terminologia, têm a mesma concepção global e fundamental a respeito de como o objeto da disciplina deve ser investigado. Tanto

9 Na verdade, a oposição básica de Kuhn é entre “ciência normal” e “revolução”. Sobre a latitude semântica do conceito/termo “paradigma” de Kuhn, ver Masterman (1970); cf. também Kuhn (1970a).

10 A segunda edição da obra de Kuhn contém um importante “Pós-escrito” (KUHN, 1970a), em que Kuhn esclarece sua noção de “paradigma” e responde a algumas das críticas à primeira edição de 1962.

11 O trabalho de Kuhn também foi criticado por filósofos da ciência (cf. SHAPER, 1964). Kuhn respondeu a algumas dessas críticas em Kuhn (1970a, 1970b, 1974).

12 Esta é mais ou menos a noção mais ampla de “programa” tal como proposta por Weizenbaum (1976). Um uso mais restrito de “programa” é aquele que encontramos no conceito de “programa de pesquisa” de Lakatos (ver LAKATOS, 1970). Weizenbaum (1976) compara programas com cataclismos: assim como cataclismos mudam o mundo, da mesma forma, programas científicos transformam sociedades, culturas e visões de mundo.

o *objeto* quanto o *método* são definidos intrateoricamente¹; mas a unidade de um programa reside na concepção similar de como uma determinada metodologia deve enfrentar (ou lidar com) o objeto de uma disciplina particular. Para evitar uma discussão demasiado abstrata, enumerarei os quatro programas que, na minha opinião, podem ser identificados na história da linguística:

1. O *programa de correspondência*. Esse programa visa explicar as correspondências entre linguagem, pensamento e realidade (“o mundo”). Inclui figuras como Platão, Aristóteles, Varrão, os gramáticos especulativos (os autores de tratados *de modis significandi*, chamados *modistae*), gramáticos humanistas interessados em explicar as “razões” (latim: *causae*) das estruturas linguísticas, como Julius Caesar Scaliger [Júlio César Escalígero] e Franciscus Sanctius [Francisco Sánchez], os autores da gramática de Port-Royal (Antoine Arnauld e Claude Lancelot), James Harris, Nicolas Beauzée, Ferdinand Brunot, Gustave Guillaume e Noam Chomsky², para citar apenas alguns. Um pressuposto comum no interior desse programa, na sua concepção universalista³, é que a linguagem é um meio para expressar nossas “ideias” (nossos pensamentos) e que a segmentação de nossos pensamentos comanda a segmentação das unidades linguísticas.
2. O *programa descritivista*. O objetivo desse programa é apresentar, de uma forma adequadamente estruturada, “fatos formais” sobre a língua. A esse programa, podem ser associados, de forma prototípica⁴, autores como Panini, Dionísio Trácio, Apolônio Díscolo, Donato, os gramáticos da Alta Idade Média (séculos 6 a 10), gramáticos do século 13 (como Alexandre de Villa Dei), os gramáticos humanistas que compuseram gramáticas (normativas) do latim “correto”, os “gramatistas”⁵ dos séculos 16 a 19, os neogramáticos e, em tempos mais recentes, linguistas como Leonard Bloomfield, André Martinet e Zellig Harris. Aqueles que trabalham (ou têm trabalhado) nesse programa estão basicamente preocupados com a descrição (isto é, com a organização sistemática) das formas linguísticas, seja numa perspectiva puramente “formalista”,

1 Em outras palavras: tanto o objeto quanto o método têm um status “T-teórico”.

2 Quanto à inclusão de Chomsky, ver nota 20 abaixo.

3 Ou orientação “absolutista”. Uma visão relativista da correspondência entre a linguagem, a mente humana e a realidade enfatizará o papel fundamental da linguagem na articulação de uma “visão de mundo” específica de uma sociedade ou cultura; e aqui caímos no programa “sociocultural” (nosso terceiro programa).

4 Em geral, as primeiras formas de atividade linguística (que incluem o desenvolvimento de sistemas de escrita), tal como as encontramos na Mesopotâmia, no mundo anatólico, na área linguística siro-palestina, no Egito e no mundo grego e romano, pertencem a este “programa descritivista”; ver os capítulos de Swiggers e Wouters (1989).

5 Na produção linguística dos séculos 17 e 18, podemos notar uma oposição estrita entre os “gramáticos-filósofos” e os “gramatistas” (autores que compilaram gramáticas práticas, manuais escolares, livros de conversação, manuais de análise gramatical).

seja numa perspectiva mais “funcional” (a abordagem funcionalista⁶ visa explicar formas ou mudanças formais apelando às suas funções no interior do sistema linguístico).

3. O *programa sociocultural*. Esse terceiro programa estuda a linguagem (e as línguas) em seu contexto sociocultural. Embora vários de seus autores também tenham contribuído com o segundo ou o primeiro programa⁷, pode-se mencionar aqui os nomes de Dante Alighieri, Antoine de Rivarol, Friedrich Max Müller, Franz Boas, Edward Sapir, Benjamin Lee Whorf, Uriel Weinreich, William Labov. Também se poderia incluir o objetivo geral de Ferdinand de Saussure, apesar de o linguista suíço nunca ter implementado o programa que anunciou no seu *Curso de linguística geral*: “On peut donc concevoir *une science qui étudie la vie des signes au sein de la vie sociale*; elle formerait une partie de la psychologie sociale, et par conséquent de la psychologie générale; nous la nommerons *sémiologie* (du grec *sēmeîon*, “signe”). Elle nous apprendrait en quoi consistent les signes, quelles lois les régissent. Puisqu’elle n’existe pas encore, on ne peut dire ce qu’elle sera; mais elle a droit à l’existence, sa place est déterminée d’avance. La linguistique n’est qu’une partie de cette science générale, les lois que découvrira la sémiologie seront applicables à la linguistique, et celle-ci se trouvera ainsi rattachée à un domaine bien défini dans l’ensemble des faits humains”⁸ (SAUSSURE, 1968, p. 47-49). O objetivo fundamental do programa sociocultural é analisar a linguagem (e as línguas) como um fenômeno sociocultural, ligando-a à visão de mundo de uma cultura e dos seus indivíduos, e prestando atenção específica às variações e particularidades determinadas socioculturalmente, também na sua dimensão diacrônica⁹. Essa abordagem “ambiental” também foi integrada à semiótica e conduziu finalmente a uma mudança de perspectiva dentro dela¹⁰.

6 Ver, por exemplo, Martinet (1962).

7 O trabalho linguístico neste terceiro programa sempre mostrará alguma sobreposição com o primeiro programa (devido ao interesse na linguagem como expressão “socializada” de uma visão de mundo) e com o segundo programa (porque a descrição dos dados linguísticos estará envolvida), mas o foco do programa sociocultural está na incorporação da linguagem na comunidade de fala.

8 “Podemos, portanto, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela seria uma parte da psicologia social e, por conseguinte, da psicologia geral; nós a designaremos como *semiologia* (do grego *sēmeîon*, “signo”). Ela nos ensinaria em que consistem os signos, que leis os regem. Visto que ainda não existe, não se pode dizer o que será; mas ela tem direito à existência, seu lugar está determinado de antemão. A linguística é somente uma parte dessa ciência geral, as leis que a semiologia descobrir serão aplicáveis à linguística, e esta se verá assim vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos.” (SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2021. p. 59).

9 Ver as ambições formuladas em Weinreich, Herzog, & Labov (1968).

10 O estudo do funcionamento dos signos no seu contexto social e ambiental levou: (i) ao alargamento da antropossemiótica para a zoosemiótica e depois para a fitossemiótica

4. O *programa de projeção*. Esse programa reúne linguistas e filósofos como Sebastian K. Shaumyan (Šaumjan), Richard Montague, Jaakko Hintikka, Maxwell J. Cresswell e seus respectivos continuadores. Seu objetivo é projetar um modelo formalizado (uma linguagem categorial construída pelo linguista/lógico) sobre determinados fragmentos de uma linguagem (eventualmente “normalizada”, como no caso dos “fragmentos de linguagem híbrida” de Shaumyan). O programa levanta sérias questões metodológicas¹¹, mas deve ficar claro que estamos diante de um programa à *parte*, que não pode ser reduzido a um dos programas acima expostos. O programa de projeção não está interessado na incorporação sociocultural da linguagem, nem na variação linguística. Nem seu foco está na correspondência entre linguagem e mente. Evidentemente, os dados linguísticos são analisados e descritos, mas são estudadas *na medida em que se encaixam* em um modelo formal abstrato.

Tendo, portanto, distinguido esses quatro programas na história da linguística, podemos agora considerar a questão de sua *função*. Ao que parece, os programas conduzem a uma uniformização de certos tipos de investigação e impõem restrições específicas ao trabalho realizado no âmbito de cada um deles. Os programas apresentam um aspecto irreversível, ou melhor, um aspecto de *restrição* irreversível: uma vez que foram introduzidos, respaldam certos padrões de ação, ao passo que eliminam outros. Isso provavelmente se deve, pelo menos até certo ponto, ao fato de um programa oferecer ao cientista uma “linguagem” particular (no caso das teorias linguísticas, uma metalinguagem) para a atividade científica. É certo que a noção de programa apresenta analogias interessantes com a noção kuhniana de paradigma¹², mas é importante salientar que existem diferenças cruciais:

(cf. SEBEOK, 1976; DEELY, 1990); (ii) ao reconhecimento de que existe uma grande variedade de “linguagens” semióticas ou sistemas e códigos comunicativos e de que a linguística não deve (necessariamente) ser tomada como a disciplina central e orientadora para a semiótica geral (cf. SEBEOK, 1974; ECO, 1976).

11 Por exemplo: Qual é a justificativa do sistema formalizado que se projetou em alguns “fragmentos de linguagem”? Os resultados desses estudos podem ser verificados/falseados, ou seja, a projeção não será “confirmada” automaticamente? Qual é o “status-de-objeto” de uma língua (natural) neste programa?

12 As “revoluções” kuhnianas podem ser vistas como uma transição de um programa a outro. Kuhn fala de “mudança de paradigma” (*paradigm change/paradigm shift*). As mudanças de paradigma são frequentemente provocadas por estudiosos (individuais) que estavam enraizados no paradigma até então prevalecente. Para a linguística, pode-se tomar como exemplo relevante a evolução do trabalho linguístico de Chomsky. As publicações de Chomsky na década de 1950 e início da década de 1960, mostrando laços estreitos com o distribucionalismo de Z. Harris e sua análise transformacional (cf. HARRIS, 1965), podem ser vistas como pertencentes ao segundo programa, o programa descritivista; a partir de meados da década de 1960, Chomsky voltou-se para o programa de correspondência, abraçando uma concepção mentalista da linguística. Sobre os laços de Chomsky com o estruturalismo americano, ver Hymes & Fought (1981).

5. Ao contrário dos paradigmas kuhnianos, que estão dispersos ao longo do tempo, os programas aqui definidos podem coexistir (e, de fato, coexistem). Essa diferença pode talvez ser explicada pelo fato de Kuhn estar preocupado (primordialmente) com a história das ciências naturais, na qual a evolução é mais descontínua e os “paradigmas” são muito mais restritivos (ou, por assim dizer, “mais ditatoriais”). Nosso conceito de “programa” pretende ser aplicável de forma útil apenas para a escrita da história da linguística.
6. A noção de paradigma de Kuhn não coincide, histórica e epistemologicamente, com a nossa noção de programa. Na opinião de Kuhn, diferentes paradigmas podem ainda se basear numa visão mais ou menos idêntica do *objeto* (da disciplina) e da *abordagem metodológica*; eles serão diferentes na maneira como podem lidar com os “quebra-cabeças” de pesquisa (*research puzzles*) a serem resolvidos. A noção de programa nos permite reconhecer e situar nitidamente as diferenças epistemológicas entre teorias (simultâneas) pertencentes a programas diferentes. Por outro lado, a noção de programa é mais flexível, ou mais “adaptativa” do que a noção de paradigma de Kuhn: a noção de programa nos permite reunir certas teorias (por vezes muito dispersas no tempo) em um mesmo programa porque elas se baseiam na mesma concepção sobre “qual é a forma adequada [‘correta’] de fazer linguística”.

A noção de “programa”, assim definida, pode ser utilizada pelo historiógrafo da linguística e pelo epistemólogo da linguística¹³. A presente proposta é um esboço provisório¹⁴, mas espera-se que ofereça algum material para maior reflexão e discussão.

13 Portanto, também pode ser útil para o linguista geral interessado nos fundamentos históricos e epistemológicos da sua disciplina.

14 Para uma análise detalhada do programa de correspondência, tal como o encontramos na *Gramática* e na *Lógica* de Port-Royal, ver Swiggers (1984). É necessário enfatizar que tanto o historiógrafo como o epistemólogo da linguística devem prestar especial atenção às *interpretações e implementações específicas* de cada programa: não existe uma uniformidade absoluta ao longo da história do pensamento linguístico e, portanto, deve-se evitar utilizar a organização proposta acima em programas como uma classificação doxográfica do tipo “*nihil novi sub sole*” (ver *Eclesiastes* I, 9). Por outro lado, um modelo algo reducionista é inevitável se quisermos compreender o desenvolvimento global do pensamento linguístico: e é precisamente disso que trata a escrita da história da linguística.

- COLLINGWOOD, R. G. **The idea of history**. Oxford: University Press, 1946.
- DEELY, J. **Basics of semiotics**. Bloomington: Indiana University Press, 1990.
- ECO, U. **A theory of semiotics**. Bloomington: Indiana University Press, 1976.
- HARRIS, Z. S. Transformational theory. **Language**, v. 41, n. 3, p. 363-401, 1965. Disponível em: <<https://www.zelligharris.org/transformational-theory.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2024.
- HYMES, D. (Ed.). **Studies in the history of linguistics: traditions and paradigms**. Bloomington: Indiana University Press, 1974.
- HYMES, D. Introduction: traditions and paradigms. *In*: HYMES, D. (Ed.). **Studies in the history of linguistics: traditions and paradigms**. Bloomington: Indiana University Press, 1974. p. 1-38.
- HYMES, F.; FOUGHT, J. **American structuralism**. The Hague: Mouton, 1981.
- KOERNER, E. F. K. **Toward a historiography of linguistics: selected essays**. Amsterdam: J. Benjamins, 1978.
- KUHN, T. Postscript. *In*: KUHN, T., **The structure of scientific revolutions**. Second edition. Chicago: University of Chicago Press, 1970a, p. 173-206.
- KUHN, T. Reflections on my critics. *In*: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Eds.). **Criticism and the growth of knowledge**. Cambridge: Cambridge University Press, 1970b, p. 231-278.
- KUHN, T. Second thoughts on paradigms. *In*: SUPPES, P. (Ed.). **The structure of scientific theories**. Urbana: University of Illinois Press, 1974, p. 459-482.
- KUHN, T. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1962.
- LAKATOS, I. Falsification and the methodology of scientific research programmes. *In*: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Eds.). **Criticism and the growth of knowledge**. Cambridge: Cambridge University Press, 1970, p. 91-196.

MARTINET, A. **A functional view of language**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

MASTERMAN, M. The nature of a paradigm. *In*: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Eds.). **Criticism and the growth of knowledge**. Cambridge: Cambridge University Press, 1970, p. 55-90.

PARRET, H. [ed.]. **History of linguistic thought and contemporary linguistics**. Berlin-New York: W. de Gruyter, 1976.

PERCIVAL, W. K. The applicability of Kuhn's paradigms to the history of linguistics. **Language**, v. 52, n. 2, p. 285-294, 1976.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. Édition critique par R. Engler, t. 1. Wiesbaden: O. Harrassowitz, 1968.

SEBEOK, T. (Ed.). **Historiography of linguistics**. The Hague-Paris: Mouton, 1975. (Current Trends in Linguistics, v. 13).

SEBEOK, T. (Ed.). **Linguistics and adjacent arts and sciences**. The Hague-Paris: Mouton, 1974. (Current Trends in Linguistics, v. 12).

SEBEOK, T. **Contributions to the doctrine of signs**. Bloomington: Indiana University Press, 1976.

196

SHAPERE, D. The structure of scientific revolutions. **Philosophical Review**, v. 73, n. 3, p. 383-394, 1964.

SWIGGERS, P. Histoire et historiographie de la linguistique. **Semiotica**, v. 31, n. 1-2, p. 107-137, 1980a.

SWIGGERS, P. La *Grammaire* de Port-Royal et le parallélisme logico-grammatical. **Orbis**, v. 33, p. 29-56, 1984.

SWIGGERS, P. Resenha de Parret (Ed.). 1976. **Leuvense Bijdragen**, v. 69, n. 1, p. 70-99, 1980b.

SWIGGERS, P. The historiography of linguistics. **Linguistics**, v. 18, n. 7-8, p. 703-736, 1980c.

SWIGGERS, P.; WOUTERS, A. (Eds.). **Language in Antiquity**. Leuven: Peeters, 1989.

WEINREICH, U.; HERZOG, M.; LABOV, W. Empirical foundations for a theory of language change. *In*: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.). **Directions for historical linguistics**: a symposium, Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-188.

WEIZENBAUM, J. **Computer power and human reason**. New York: Freeman & Company, 1976.

POSTSCRIPTUM

O texto que precede é a tradução portuguesa de um artigo publicado (era uma vez!) em 1981. Quero agradecer aos membros do grupo de pesquisa “Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas” (HGEL), liderado pelo professor Francisco Eduardo Vieira, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pelo seu interesse e pela sua cuidadosa tradução do meu texto; algumas mudanças e adaptações que eram necessárias foram incorporadas por mim.

Passaram mais de quarenta anos desde a sua publicação e, nestas quatro décadas, a historiografia da linguística assistiu a um crescimento espetacular, especialmente nos países luso-hispânicos. O reconhecimento acadêmico e profissional mundial da historiografia da linguística é agora atestado pela existência de cinco revistas especializadas e de diversas sociedades nacionais e internacionais (algumas das quais publicam boletins, cadernos ou *newsletters*), pela organização de uma conferência internacional trianual (*ICHoLS*) e pela publicação de enciclopédias, manuais, antologias etc.

É realmente gratificante ver que a historiografia da linguística atrai um público cada vez maior de jovens estudiosos interessados no contexto histórico da linguística moderna e, de forma mais geral, na evolução secular do pensamento linguístico. O artigo de 1981 aqui traduzido pode ser útil nesse sentido. Tem sua origem em uma dupla reflexão. Por um lado, uma reflexão sobre como o objeto fundamental da linguística – a *linguagem* e as *línguas* – tem sido visto ao longo da história, e sobre a possibilidade de que, em vez de se concentrar somente em teorias, modelos, escolas, círculos ou autores particulares, se pode oferecer uma visão mais estruturada, identificando “formas ou configurações de abordagem” distintivas deste objeto fundamental. A outra reflexão, complementar, na base do texto de 1981, diz respeito à questão da inovação metodológica (ou “reorientação”) na história da linguística (uma questão que se aplica, claro, também a outras disciplinas relacionadas; ver, por exemplo, SWIGGERS, 1982 [trad. para o espanhol, 1998], sobre estudos literários comparados). O que resultou destas reflexões é uma *proposta* de olhar para a história da linguística em termos de “interesses calibrados”, de “abordagens organizadas”, de “técnicas

descritivas” aplicadas ao fenômeno da *linguagem* e da sua manifestação sob a forma de *línguas*.

Como tal, o texto aqui traduzido é tudo menos um relato “dogmático”. Trata-se de um convite “aberto” para uma reflexão metodológica e epistemológica futura sobre a escrita da história da linguística. Os leitores interessados podem consultar também outros três artigos relacionados: Swiggers (1991, 2004, 2015).

pierre.swiggers@kuleuven.be

REFERÊNCIAS DO *POSTSCRIPTUM*

SWIGGERS, P. Methodological Innovation in the Comparative Study of Literature. **Canadian Review of Comparative Literature/Revue Canadienne de littérature comparée**, v. 9, p. 19-26, 1982. [Tradução para o espanhol: Innovación metodológica en el estudio comparativa de la literatura. *In*: ROMERO LÓPEZ, D. (Ed.). **Orientaciones en literatura comparada**. Madrid: Arco Libros, 1998, p. 139-148.] Disponível em: <<https://journals.library.ualberta.ca/crcl/index.php/crcl/article/view/2570>>. Acesso em: 29 abr. 2024.

SWIGGERS, P. L'historiographie des sciences du langage: intérêts et programmes. *In*: BAHNER, W.; SCHILDT, J.; VIEHWEGER, D. (Eds.). **Proceedings of the Fourteenth International Congress of Linguists, Berlin/GDR, August 10-August 15, 1987**. Berlin: Akademie-Verlag, 1991, p. 2713-2716.

SWIGGERS, P. Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística. *In*: CORRALES ZUMBADO, C.; DORTA LUIS, J. (Eds.). **Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística**. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL, La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2005. Madrid: Arco Libros, 2004, v. I, p. 113-146. Disponível em: <<https://silo.tips/download/modelos-metodos-y-problemas-en-la-historiografia-de-la-linguistica>>. Acesso em: 29 abr. 2024.

SWIGGERS, P. Directions for Linguistic Historiography. *In*: POLACHINI, B.; DE CRUDIS, J.; BORGES, P.; MARIS DANNA, S. (Orgs.). **Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH, v. I**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015, p. 8-17. Disponível em: <https://cedoch.fflch.usp.br/sites/cedoch.fflch.usp.br/files/u65/CHLC1_0.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2024.